



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)
XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo

Conexões Fotográficas: a fotografia de rua desvenda a nova cidade¹

Celso Luiz Figueiredo Bodstein ²

Resumo

Este Relato refere-se à minha participação – como representante docente de duas instituições universitárias da cidade de Campinas, Puc e Unicamp – no Projeto *Fotografia de Rua* realizado pelo Serviço Social do Comércio, o SESC. O projeto incluiu oficinas destinadas a público espontâneo, reflexões sobre fotografia contemporânea e avaliações, constituindo-se no mais importante evento do cenário da fotografia na região.

Palavras-chave: Fotografia, Fotojornalismo, Cultura Visual.

Quando fui convidado para abrir e fechar o evento “Fotografia de Rua” no Sesc campinas - como aquele que iria trazer à discussão os conceitos do gênero - aceitei, de pronto. Fui convidado na condição de docente e pesquisador de audiovisual ligado a duas Universidades. O projeto incluía cinco oficinas ministradas por fotógrafos de grande expressividade na cidade de Campinas, todos qualificados pelos exercícios de suas autoridades contemporâneas. As propostas: o fotógrafo Nelson Chinália estaria reunido com seus alunos sob o tema *Mobilidade Urbana*, em que exploraria as flutuações dos agentes sociais nos cenários urbanos da região; Carlos Bassan com *Fotografia Noturna*, a experiência da realidade suspensa na atmosfera da luz e sombra; Touché com *Chegadas e Partidas*, em que um estúdio foi montado nas imediações da rodoviária da cidade a fim de registrar anônimos em expressões variadas de suas circunstâncias; Kamá Ribeiro com *Retratos*, sempre na linha de descolar feições anônimas para espaços mediatizados; além de Ricardo Lima com *Profissões*, cujo nobre objetivo foi um olhar antropológico sobre ofícios em extinção na grande cidade.

¹ Trabalho apresentado na modalidade Relato no Grupo de Trabalho Atividades de Extensão, do XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo, evento componente do 16º ENPJ.

² Professor da Puc Campinas (Faculdade de Jornalismo) e Unicamp (Labjor). Doutor em Multimeios pela Unicamp. Email: bodstein@iar.unicamp.br

Duas premissas: as fotografias deveriam ser produzidas no quadrilátero sócio-geográfico referenciado pela sede do Sesc Campinas, de forte marcação histórica para a cidade. A região mapeia as marcas de surgimento da cidade, os primeiros traços de seu desenvolvimento, primeiro como parada de bandeirantes, depois centro cafeeiro, industrial, polo de comércio e atualmente como um portal de serviços. A outra premissa era a de que os personagens trazidos à imagem fossem anônimos e não inseridos nas pautas dos interesses coletivos da cidade.

A mim caberia abrir o evento tocando a palestra *Conexões Fotográficas*, além de apresentar os fotógrafos e um pouco de suas inclinações. Ao final do projeto – pouco menos de dois meses – voltaria para uma análise das fotografias selecionadas pelos grupos.

Opto, em *Conexões Fotográficas* em conversar sobre a tradição da fotografia de rua. Vejo-as como o diapasão das pequenas e grandes narrativas do cotidiano. Sínteses culturais. Singelas ou agressivas ficções da realidade que iluminam nossos amálgamas urbanos. Vêm à tona dos olhos várias camadas de temporalidades. As cenas sobrepõem épocas, às vezes revelando suas nuances – paredes repintadas, estátuas e bustos escondidos, sucata arquitetônica -, outras insinuando os perfis com os quais a cidade quer exibir sua fotogenia metropolitana. Um “aqui agora” que não se faz mais por historicidades, mas por certa fenomenologia de um sujeito indagante.

As “fotografias de rua” podem alargar a concepção de ensaios. O fotojornalismo, por exemplo, ganha subjetividades em que o mundo factual fica subordinado a poéticas particulares. E se transforma num tipo de “fotojornalismo literário”. Não há fotodocumentarismo que este projeto não possa subverter em definições narrativas. O ensaio e a oficina são procedimentos à condição do “branqueamento da caixa-preta”, como sempre nos inspira Vilém Flusser; é necessário se livrar da “programação da máquina” (cultural) para que não ajamos como seu funcionário. Os de espírito livre buscam logo um domínio “anarquizado” das potencialidades de suas câmeras, fazendo-as fartas em respostas não previstas pelo programa de registro, e que registra também o posicionamento mercadológico do equipamento.

Sem tal branqueamento, estaremos destinados ao fabuloso e melancólico círculo das “imagens decaídas”. Refere-se, aqui, àquela gama de fotografias que inundam as redes sociais e os *mass media* com seus padrões exauridos e os horripilantes estereótipos visuais.

Quando compreende os contornos contemporâneos de seu ofício, o fotógrafo eleva-se ao panteão dos *bricoleurs*, o título “honorífico” que Lewis Strauss cunhou para aqueles que enfrentam os labirintos do possível renegando postulados cartesianos. Na hora de resolver

problemas, abandona o conforto das fórmulas prontas e consolidadas. O *bricoleur* é aquele que sai para seus desbravamentos fotográficos abandonando mapas e carregando, para seu senso, somente uma bússola imaginária. Para ele, *tudo serve* como elemento constituinte de um discurso imagético. E é o espírito construtivista que fornece diferencial capaz de trazer à consciência novas e surpreendentes sinapses. Não se preocupa com a “foto perfeita”, a forjada nos manuais das boas ações técnicas. Sabe que uma fotografia é “apenas uma fotografia”, artefato capaz de estabelecer vínculos travessos com seu índice. Não mais a visualidade da experiência naturalista, mas os cenários das imagéticas imprudentes.

Com a fé nas camadas urbanas intuídas, este cronista visual insere-se nelas como espécie *sui-generis* de um “ego histórico de seu tempo”, aquele das narrativas não propulsionadas pelas certezas coletivas. Um *flaneur*, enfim, cujo ofício é buscar estetizações para cenários pós-formais.

Talvez possa ser esta a premissa de êxtase ligada à fotografia de rua: lançar-nos vertiginosamente ao universo em que referentes históricos são meros portos para as tramas impensadas. Em direções múltiplas. Nesses realismos, frequentemente crescemos vestígios de revelação ontológica. Além, é claro, de oferecermos maná a densas camadas de um imaginário.

A partir deste ponto, inicio a sessão de exibição de imagens, ainda como parte integrante da sessão de abertura do evento. Elenquei e mostrei fragmentos de trabalhos daqueles que fizeram da fotografia de rua uma arte muito sofisticada. A escolha seguiu um critério pessoal de conexões estéticas e temáticas. Foram estes os fotógrafos convocados:

Charles Negre - Produziu aquela que é considerada a primeira fotografia de rua, "Chimney-Sweeps Walking", produzida em Paris em meados do século 19.

Eugène Atget - Um dos maiores nomes da fotografia, desviava seu olhar do humano e preferia confiná-lo como detalhe pertencente ao grandioso cenário urbano.

Cartier Bresson - Para muitos, o francês é o maior gênio da história da fotografia, aquele que melhor sou usar a câmera como reveladora de subjetividades e grandes composições.

Robert Doisneau - Mestre do classicismo fotográfico. Marcou as feições prazerosas e controvertida das ruas de Paris.

Jacob Riis - O dinamarquês nascido em 1849 imigrou para os EUA anos depois e elevou o documentarismo social à potência de máxima estetização.

Helen Levitt - Fez seu *tableau vivante* a partir do registro de anônimos em NY.

Bill Cunningham - Uma das mais controvertidas figuras da cena fotográfica de NY. Como fotógrafo de moda, utiliza cenários urbanos não convencionais para suas produções.

Daido Moriyama – O mais contemporâneo dos fotógrafos de rua do Japão. Aos 77 anos produz cenas que beiram contingências do surrealismo.

Militão - Talvez o mais importante fotógrafo do Brasil na segunda metade do século 19. Fotografou Castro Alvez, Joaquim Nabuco, D. Pedro II além da imperatriz Tereza Cristina.

Marc Ferrez - Seu trabalho é um dos mais fundamentais acerca da visualidade do Brasil imperial e republicano.

Pierre Verger - Fotógrafo nascido na França e radicado na Bahia, um dos principais precursores da chamada “antropologia visual” no Brasil. Relacionava a Bahia à África.

Aristides Pedro da Silva, o V8 - Um dos mais importantes fotógrafos de rua de Campinas. Registrou as mudanças da cidade principalmente durante as décadas de 1960 a 1980.

O final deste primeiro encontro foi com a apresentação dos fotógrafos-professores já citados. A pauta trouxe experiências, planos das oficinas e exibição de imagens autorais.

Dois meses após esta abertura, voltamos ao Auditório do Sesc para o encerramento do projeto. Cada fotógrafo responsável por uma das cinco oficinas exibiu imagens selecionadas dos seus alunos. Meu trabalho foi promover leituras dessas imagens usando critérios conceituais de uma “Cultura Visual” – visões da fotografia contemporânea qualificadas pelo professor espanhol Joseph Maria Catalã³.

Os participantes das oficinas, fotógrafos em sua maioria com alguma experiência, também são convocados a narrar circunstâncias de seu “ato fotográfico” e dos critérios de pós-produção.

Filmado, muito documentado e divulgado, o evento *Fotografia de Rua* produzido pelo Sesc-Campinas sob curadoria de Cássio Quitério auxiliou a refinar a cena fotográfica da cidade.

³ CATALÀ, Josep Maria. *La imagen compleja: la fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual*. Barcelona: Bellaterra, 2005.